



Estudos de Psicologia

ISSN: 1413-294X

revpsi@cchla.ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil

Cassepp-Borges, Vicente; de Andrade, Alexsandro Luiz
Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua
portuguesa
Estudos de Psicologia, vol. 18, núm. 4, outubro-diciembre, 2013, pp. 631-638
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26130639011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa

Vicente Cassepp-Borges

Universidade Fluminense

Alexsandro Luiz de Andrade

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este artigo teve como objetivo fazer um levantamento dos instrumentos existentes para avaliar construtos relacionados a relacionamentos românticos disponíveis em língua portuguesa. Os instrumentos foram pesquisados por meio de bases de dados e contatos pessoais dos autores. São relatados usos e propriedades psicométricas de 17 instrumentos de medida de construtos como satisfação e atitudes com o relacionamento, amor, estilos de amar, ciúme romântico, dentre outros. Conclui-se que muitos dos principais instrumentos utilizados internacionalmente possuem ao menos um estudo em língua portuguesa, relatando boa validade e precisão. O próximo caminho para a pesquisa na área deve ser a confecção de manuais que permitam o uso aplicado dessas medidas.

Palavras-chave: dinâmica de casal; amor; estados emocionais; validade do teste; precisão do teste.

Abstract

A brief history of the attempts to measure love relationships attributes in Portuguese. This article aims to survey existing instruments to assess constructs related to romantic relationships available in Portuguese. The instruments were searched through databases and personal contacts of the authors. Psychometric properties and uses of 17 instruments for measuring constructs such as attitudes and satisfaction with the relationship, love, love styles, romantic jealousy, and others are reported. It's conclude that many of the key instruments internationally used have at least one study in Portuguese, reporting good validity and reliability. The next way to the area's research should be the creation of manuals that allow the applied use of these measures.

Keywords: couple dynamics; love; test validity; emotional states; test reliability.

Resumen

Una breve historia de los intentos de medir los atributos de las relaciones románticas en portugués. Este trabajo tiene como objetivo estudiar los instrumentos existentes para evaluar los constructos relacionados con las relaciones amorosas románticas disponibles en portugués. Los instrumentos fueron estudiados por medio de bases de datos y los contactos personales de los autores. Son relatados usos y propiedades psicométricas de 17 instrumentos para medir constructos como: las actitudes y la satisfacción en relacionamientos, amor, estilos de amor, celos románticos, entre otros. Se concluye que muchos de los principales instrumentos utilizados en el contexto internacional tienen por lo menos un estudio en portugués, reportando una buena validez y fiabilidad. El próximo paso en la investigación en este campo debe ser los manuales que permitan el uso de estas medidas aplicadas.

Palabras clave: dinámica de pareja; amor; estados emocionales, validez de testes; precisión de testes.

Se uma coisa existe, ela existe em certa quantidade. Se uma coisa existe em certa quantidade, ela pode ser medida (citado por Cronbach, 1996, p. 53).

Medir o amor é algo tido como impossível no senso comum. Contudo, se levarmos em consideração a afirmação de Cronbach (1996) que introduz essa sessão, podemos pensar que o amor é algo que existe. Por existir, o amor existe em certa quantidade.

Tentar descobrir qual a quantidade ou intensidade de amor que existe em cada pessoa ou relacionamento é realizar medidas. Mesmo que o amor seja um sentimento tratado como misterioso, as dificuldades inerentes à sua mensuração são praticamente as mesmas dificuldades inerentes à medida de outros construtos psicológicos como inteligência, personalidade, depressão e outros tradicionalmente mensurados pela Psicometria.

Diversas teorias científicas sobre o amor e os relacionamentos surgiram nas últimas décadas. Alguns autores brasileiros se empreenderam no esforço de sistematizar revisões sobre essas teorias, como por exemplo Cassepp-Borges e Pasquali (2013), Martins-Silva, Trindade e Silva Junior (2013), Reis (1992) e Shiramizu e Lopes (2013). A maioria dessas teorias procurou suporte empíricos em instrumentos de medida psicológica. Como uma vez que o escopo deste artigo não foi descrever detalhadamente as teorias, recomenda-se a leitura desses textos para um maior compreensão das teorias que estão embasando os instrumentos de medida.

O objetivo deste estudo foi realizar um levantamento dos instrumentos de medida de atributos dos relacionamentos amorosos com dados empíricos disponíveis em pesquisas brasileiras em língua portuguesa. A inspiração para fazer uma coletânea de medidas do relacionamento amoroso no país surgiu dos textos de Hatfield, Bensman e Rapson (2012) e de Hatfield, Luckhurst e Rapson (2012), que apresentam as escalas mais utilizadas em nível internacional para a mensuração respectivamente do amor romântico e as motivações sexuais. Inclusive, o título deste artigo está parafraseando ambos os títulos dos estudos originais. A área de estudos com medidas do relacionamento tem crescido bastante em nível internacional, surgindo um interesse em sistematizá-la. Diversos instrumentos de medida do amor e de construtos vinculados aos relacionamentos existem no mundo, com uma tradição de pesquisa bastante estabelecida. Alguns destes instrumentos foram traduzidos, adaptados e validados para língua portuguesa, havendo algumas pesquisas brasileiras que inclusive criaram seus próprios instrumentos de medida. Wachelke e De Andrade (2012) apresentam um estudo de revisão com diferentes instrumentos, principalmente internacionais, para aspectos inerentes ao estudo dos relacionamentos românticos. Reconhecendo-se o fato de que alguns instrumentos podem não ter sido localizados pelos autores e que boa parte das medidas no levantamento anterior não possuíam estudos de validade e precisão para amostras brasileiras, considera-se pertinente uma atualização do levantamento de instrumentos voltados para o estudo deste construto, principalmente com instrumentos que possuam indicadores empíricos para uso no Brasil.

Deve-se levar em consideração que algumas das referências são de teses e dissertações não publicadas e trabalhos apresentados em congressos, que são fontes de difícil localização. Esse estudo trata-se de uma síntese crítica do que vem sendo pesquisado no Brasil com escalas de amor e de avaliação de relacionamentos românticos, por meio da revisão das medidas disponíveis em língua portuguesa. O método para localizar os instrumentos foram buscas em sites como SciELO, BVS-Psi, e o próprio Google, utilizando combinações de palavras-chave como escalas, testes, amor e relacionamentos. O currículo Lattes dos autores de artigos encontrados também foi pesquisado, de forma a encontrar outros instrumentos de medida. Também foram feitos contatos pessoais com pesquisadores dos relacionamentos, sem um formulário padronizado. Por fim, incluiu-se a leitura de anais de congresso disponíveis para os autores deste artigo. Não foi feita uma delimitação temporal das buscas, pelo fato de a pesquisa sobre amor e relacionamentos ser um fenômeno

recente. Mesmo que tenham sido feitas revisões posteriores, a redação desse artigo foi concluída em janeiro de 2013. Reconhece-se que este não é um método sistemático para a coleta dos dados, inclusive de difícil replicabilidade. Contudo, decidiu-se por registrar e distinguir a importância de todos os estudos com instrumentos de medida dos relacionamentos amorosos que chegaram ao conhecimento dos autores, dentro de suas experiências acumuladas enquanto pesquisadores na área, ainda que não estejam publicados em locais de grande visibilidade para a comunidade científica. Este método é bastante semelhante ao usado por Hatfield, Besnam et al. (2012).

A seguir, é apresentada a lista elaborada das medidas psicológicas, com alguns comentários a respeito dos achados disponíveis a respeito delas. Boa parte do material citado não se encontra disponível na rede mundial de computadores. Espera-se, portanto, que este guia sirva para fomentar a pesquisa sobre amor e relacionamentos no Brasil. Essa lista congrega tanto estudos de adaptação de instrumentos quanto estudos de construção de instrumentos.

Instrumentos psicológicos dos relacionamentos amorosos

Escala do ajustamento diádico (DAS). A Escala de Ajuste Diádico (*Dyadic Adjustment Scale - DAS*) foi desenvolvida por Spanier (1976) e possui 32 itens que devem ser respondidos por casais que moram juntos. A análise fatorial distinguiu claramente os fatores Consenso da díade ($\alpha = 0,90$, 13 itens), Satisfação da díade ($\alpha = 0,94$, 10 itens), Coesão da díade ($\alpha = 0,86$, 5 itens) e Expressão da afetividade ($\alpha = 0,73$, 4 itens) e demonstrou consistência interna geral ($\alpha = 0,92$, 32 itens). Cabe salientar que a *DAS* mede ajustamento da díade e a satisfação no relacionamento é apenas um dos elementos deste ajustamento. Esta escala vem sendo bastante utilizada, e uma busca em bases de dados encontrou pesquisas recentes em amostras dos cinco continentes, em países como China (Shek & Cheung, 2008), África do Sul (Lesch & Engelbrecht, 2008), França (Antoine, Christophe, & Nandrino, 2008), Alemanha (Dinkel & Balck, 2006), Austrália (Hundertmark, Esterman, Ben-Tovim, Austin, & Dougherty, 2007) e Estados Unidos (Funk & Rogge, 2007). Hernandez (2008), em uma amostra porto-alegrense, encontrou itens carregando em mais de um fator, o que o autor atribuiu à inter-relação entre as subescalas. Os coeficientes Alfas de Cronbach variaram de 0,62 a 0,86, o que sugere que a escala também precisa ser melhorada em alguns fatores. Embora não sejam relatados dados psicométricos do instrumento, a *DAS* também foi utilizado no Brasil por Perlin (2001, 2006) e Scorsolini-Comin e Santos (2010).

Escala de satisfação conjugal (ESC). Essa escala é de origem mexicana (Pick de Weiss & Andrade Palos, 1988), e partiu da preocupação com o fato de diversos instrumentos de medida serem oriundos de culturas anglo-saxônicas, com características diferentes das populações latinas. A escala tem 24 itens e apresentou bons índices de precisão na pesquisa original (alfas entre 0,81 e 0,90) e estrutura de três fatores (satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge, satisfação com a interação conjugal e satisfação com a forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge) (Calleja,

2011). Os dados foram replicados no Brasil por Dela Coleta (1989, 1992), obtendo valores elevados de confiabilidade (alfas entre 0,79 e 0,86) e estrutura com três fatores correspondentes aos do estudo mexicano, apesar de alguns itens possuírem carga fatorial relevante em mais de um fator. Uma utilização mais recente da escala foi feita por Scorsolini-Comin e Santos (2011), que encontraram correlações moderadas entre seus fatores e os fatores da *DAS*.

Escala fatorial de satisfação em relacionamento de casal (EFS-RC). Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani e Natividade (2004) desenvolveram a Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Casal, um instrumento de nove itens (dois inversos) dispostos em dois fatores (Satisfação com a Atração Física e Sexualidade – SAFS - e Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos - SAIC). A escala foi aplicada em 364 participantes de Porto Alegre e Florianópolis envolvidos(as) em relacionamentos. Apesar de os itens terem apresentado cargas fatoriais adequadas (maiores que 0,30), os valores de alfa ($\alpha_{SAFS} = 0,76$ e $\alpha_{SAIC} = 0,61$) indicaram problemas em relação à sua confiabilidade. Em um segundo estudo (Wachelke, De Andrade, Souza, & Cruz, 2007), o instrumento teve um item reformulado por uma questão semântica e foi aplicado em outros 342 universitários. As cargas fatoriais foram maiores que 0,48, à exceção de um item retirado do instrumento. Os valores alfas também melhoraram ($\alpha_{SAFS} = 0,80$ e $\alpha_{SAIC} = 0,68$), apesar de que não se pode afirmar que a escala encontrou total confiabilidade. Porém, em uma aplicação via internet com 545 sujeitos, obteve-se alfa de 0,78 para a SAFS e 0,76 para a SAIC (De Andrade & Wachelke, 2006). No estudo de Mônico e Teodoro (2011) são encontrados dados discriminativos da medida em estudo com variáveis de personalidade, no modelo dos cinco grandes fatores e aspectos da teoria triangular do amor. Conforme estudo, as variáveis intimidade e paixão do modelo triangular do amor e realização do modelo *big five* relacionam-se positivamente com a satisfação do relacionamento, enquanto a variável de personalidade neuroticismo apresenta relação negativa.

Relationship assessment scale (RelAS). A *Relationship Assessment Scale (RelAS)* é uma medida simples da satisfação no relacionamento, com apenas sete itens e estrutura unifatorial (Hendrick, 1988). Todos os itens estão em uma escala tipo Likert, variando de 1 a 7, sendo que os itens 4 e 7 devem ter os seus escores invertidos para fazer o somatório com os demais. Apesar de ter poucos itens, a *RelAS* demonstra um bom nível de consistência interna ($\alpha = 0,86$). A confiabilidade teste-reteste em uma amostra de 65 universitários estadunidenses, com um intervalo de seis a sete semanas, foi de 0,85 (Hendrick, Dicke, & Hendrick, 1998). No Brasil, o estudo de Cassepp-Borges e Pasquali (2011) replicou a estrutura unifatorial e o bom nível de precisão dos estudos estrangeiros ($\alpha = 0,85$). Uma análise com a Teoria de resposta ao Item sugere que a escala é boa para discriminar sujeitos abaixo do Percentil 80 de satisfação com o relacionamento. O mesmo valor de precisão ($\alpha = 0,85$) também foi encontrado no Brasil por Berti e cols. (2011), mesmo com uma amostra de apenas 39 participantes. Eles verificaram que a média de satisfação com o relacionamento foi de 16,6 ($DP = 3,2$) para pessoas com amor patológico e de 26,8 ($DP = 5,6$), sendo a diferença elevada e estatisticamente significativa no

teste t ($p < 0,001$). Por ser uma medida simples e com estudos razoavelmente sólidos por trás, é uma escala para a qual seu uso pode ser recomendado. Seu reconhecimento pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI - Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2014) encontra-se em tramitação.

Escala de atitudes frente a relações afetivas estáveis (ERA). A ERA foi um dos primeiros instrumentos de medida de construtos associados a relacionamentos românticos no Brasil. Tendo em vista o contexto da avaliação psicológica na década de 1990, a escala seguiu o caminho inverso do que geralmente era feito para a adaptação de testes, ou seja, foi criada no Brasil e depois traduzida para o inglês e aplicada em uma amostra norte-americana (Reis, 1995). Trata-se de uma lista com 30 acontecimentos que podem ou não ocorrer em um relacionamento (ex. confiança, sinceridade, ausência de egoísmo, planos compartilhados), os quais o respondente avalia em uma escala Likert de 1 a 5. O instrumento apresentou muito boa precisão, com alfas próximos a 0,90 tanto na amostra Brasileira (Rio Grande do Sul) quanto na estadunidense (Califórnia), além de pequenas correlações com os estilos de amar medidos pela *LAS*. Em um estudo mais recente, verificou-se que uma estrutura com cinco fatores apresentou melhor ajuste do que a solução unifatorial. Esses fatores foram nomeados Comprometimento, Edificação, Mutualidade, Envolvimento e Indulgência, tendo apresentado valores de alfa entre 0,68 e 0,83 (Milfont et al., 2008).

Escala multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos (AQUARELA-R). O Aquarela-R é uma Medida Multidimensional para Avaliação de Qualidade em Relacionamentos Românticos. O instrumento, criado por De Andrade e Garcia (2012), segue os parâmetros de um diferencial semântico (DS) e avalia diretamente cinco dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais dos relacionamentos românticos: (a) comprometimento, (b) intimidade, (c) amor, (d) relacionamento sexual, (e) comunicação. A precisão da medida a partir dos índices de confiabilidade alfa de Cronbach são ótimas e superiores a 0,90 em todos os fatores. Conforme os autores da medida, um dos pontos positivos do instrumento é a sua originalidade na elaboração de itens, montado a partir de um aporte semântico itens bipolares, sugeridos por participantes brasileiros. Com isso, a medida minimiza efeitos de vieses de tradução e adaptação.

Escala triangular do amor de Sternberg (ETAS). Essa é uma escala que foi bastante utilizada em nível internacional (Chojnacki, & Walsh, 1990; Masuda, 2003; Sternberg, 1997) e nacional (Cassepp-Borges, 2010; Cassepp-Borges & Teodoro, 2007, 2009; Cavalcanti, 2007; Custódio, 2002; De Andrade, Garcia, & Cano, 2009; Hernandez, 1999; Karwowski-Marques, 2008,). Ela possui 45 itens adaptados para o Brasil por tradução reversa dupla (Cassepp-Borges, Balbinotti, & Teodoro, 2010) e parte de uma taxonomia, a teoria triangular do amor. De acordo com esta teoria, o amor seria composto pelos elementos Intimidade (amizade, cumplicidade), Paixão (romantismo, sexualidade, erotismo) e Decisão/compromisso (racionalidade, desejo de levar o amor a longo prazo) (Sternberg, 1986). Os diversos estudos têm apontado índices de precisão muito elevados (alfas geralmente maiores que 0,90) e estrutura fatorial

indicando os três elementos previstos pela teoria. Contudo, como os fatores são bastante correlacionados entre si, a ETAS possui a característica de ter diversos itens com carga elevada em mais de um fator. Outro ponto fraco da escala é o fato de que ela possui itens muito fáceis, de acordo com a Teoria de Resposta ao Item (TRI). Isso significa que ela não é uma escala boa para avaliar as pessoas com níveis elevados de amor. De qualquer forma, os itens são bastante discriminativos (Cassepp-Borges & Pasquali, 2012).

Escala tetragonal do amor. Baseado na Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986), Yela (1996) sugeriu um modelo no qual a paixão seria dividida em Erótica e romântica, fazendo com que houvessem 4 fatores para o amor. Seu instrumento de medida foi utilizado no Brasil por Gouveia, Carvalho, Santos e Almeida (2013), em 200 estudantes universitários. Os resultados apontaram invariância fatorial por sexo, valores de alfa de Cronbach superiores a 0,80 (exceto para paixão romântica – $\alpha = 0,74$) e um melhor ajuste do modelo de tetragonal de Yela em relação ao modelo triangular de Sternberg.

Escala triangular do amor de Sternberg reduzida (ETAS-R). Conforme salientado, a ETAS possui a limitação de ter diversos itens carregando em mais de um fator, além de valores de alfa de Cronbach extremamente elevados. Em face a este panorama, a solução parece evidente: cortar itens. Isso foi feito tanto no exterior (Lemieux & Hale, 2000; Overbeek, Ha, Scholte, De Kemp, & Engels, 2007) quanto no Brasil (Cassepp-Borges, 2010, Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz, & Dória, 2009). A redução no número de itens faz com que restem somente itens com carga elevada no seu fator e o prejuízo com relação à precisão não é tão grande. Os valores de alfa das versões reduzidas estudadas são maiores do que 0,85, que são elevados. Um dos grandes problemas com relação às versões reduzidas é uma falta de unificação entre as mesmas. Cada trabalho utilizou critérios diferentes para a exclusão de itens, partindo de traduções diferentes, obtendo escalas diferentes com número de itens diferentes. Estudos com versões reduzidas foram feitos com uma escala de 18 itens no Sul do país (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007), uma escala de 15 itens na região Nordeste (Gouveia et al., 2009) e uma escala com 20 itens em 13 estados brasileiros (Cassepp-Borges, 2010).

Escala do amor apaixonado (Passionate Love Scale). A Escala do Amor Apaixonado foi criada nos Estados Unidos (Hatfield & Sprecher, 1986) e converteu-se em um instrumento bastante difundido internacionalmente. O teste possui inclusive uma versão para adolescentes (Hatfield, 1988). É uma escala com 30 itens, podendo ser avaliada por meio de uma versão reduzida de 15 itens. Embora esta pesquisa não tenha encontrado pesquisas com escala em amostras brasileiras, decidiu-se incluí-la no relato pelo fato de existir uma pesquisa com uma versão em língua portuguesa em Portugal, realizada por um autor brasileiro (Feybesse, Neto, & Hatfield, 2011). A escala teve estrutura unifatorial, com valores de alfa de 0,96 para a versão completa e 0,92 para a versão reduzida, indicando excelente precisão. Outro dado relevante foi a correlação de 0,84 da escala com o componente paixão na ETAS, corroborando a semelhança teórica entre os conceitos de paixão e de amor apaixonado.

Teste de avaliação da tipologia do amor (SAMPLE

Scale). Trata-se de uma escala para avaliar a tipologia de Lee (1973). O referido modelo teórico prevê seis tipos de amor, que resumidamente são o *Eros* (Atração física), *Storge* (Companheirismo), *Ludus* (Promiscuidade), *Agape* (Altruísmo), *Mania* (Amor intenso) e *Pragma* (Busca por parceiro(a) com características desejáveis). Lee (1974) chegou a propor um instrumento de medida para a teoria das cores do amor, sem apresentar dados empíricos com relação a ele. Lasswell e Lasswell (1976) também propuseram um instrumento de mensuração, mas, assim como Lee (1974), também não apresentaram suas propriedades psicométricas no artigo. Este instrumento foi investigado no Brasil por Barros e Calvano (2005), que traduziram o instrumento para o português e o aplicaram em uma amostra de 305 sujeitos. Os autores encontraram uma estrutura de seis fatores, compatíveis com os tipos de Lee (1973), além de diferenças entre homo e heterossexuais (Dufrayer, Calvano, Barros, & Takahashi, 2005).

Escala de estilos de amor (LAS). É o instrumento de medida mais utilizado internacionalmente para avaliar o modelo de crenças do amor de Lee (1973). Trata-se de uma medida de 42 itens, criado por Hendrick e Hendrick (1986). O instrumento não encontra problemas com relação à sua estrutura fatorial, sendo bastante replicada nos estudos a estrutura com seis fatores, correspondentes aos seis estilos de amor (*Eros*, *Ludus*, *Agape*, *Storge*, *Pragma* e *Mania*). A correlação entre os fatores é baixa e os itens geralmente possuem carga fatorial superior a 0,30 somente no seu fator. Os valores de alfa de Cronbach encontrados pelos autores no estudo original superam 0,70, podendo ser considerados aceitáveis. Em Portugal, existem diversos estudos com a escala publicados por Neto (1993, 1994, 1998, 2002), que ainda realizou um estudo transcultural em outros países de língua portuguesa (Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Brasil), além da França, Suíça e Macau (Neto et al., 2000). Os estudos com amostras exclusivamente brasileiras foram realizados por Cassepp-Borges (2010) e De Andrade e Garcia (2009). Nos dois estudos, com traduções diferentes da escala, foi replicada a estrutura de seis fatores com o mesmo item 36, que era previsto para pertencer ao fator *Agape*, pertencendo ao fator *Eros*. Todas as versões em língua portuguesa ainda encontraram problemas de precisão no fator *Ludus*, sempre inferior a 0,60.

Escala de tipos de apego adulto. A teoria do apego foi proposta por Bowlby (1984) e afirma que o apego do bebê pela mãe se reflete no apego pelo parceiro na vida adulta. Os tipos de apego são classificados em três, a saber: Apego seguro (facilidade para estabelecer vínculos afetivos), Apego evitativo (desconforto para estabelecer vínculos afetivos) e Apego ambivalente (Desconfiança para estabelecer vínculos afetivos). Uma maneira de avaliar o apego bastante simples foi desenvolvida por Hazan e Shaver (1987). Ela consiste apenas de três afirmativas, e a pessoa deve escolher aquela que mais se encaixa com ela própria. No Brasil, uma amostra com amor patológico teve 42% ($n = 8$) dos seus sujeitos com apego seguro, enquanto 80% ($n = 16$) das pessoas classificadas como normais apresentavam este estilo de apego (Berti & cols., 2011), evidenciando a validade desta medida.

Escala do ciúme romântico. Essa escala avalia o ciúme por meio dos componentes não-ameaça, exclusão e interferência.

Trata-se de um instrumento com boa confiabilidade em seus três fatores, que são correlacionados entre si. A pesquisa que evidenciou a validade da escala foi realizada com 580 participantes (Ramos, 1998, Ramos, Yazawa, & Salazar, 1994). Almeida (2012), utilizando a Escala do Ciúme Romântico em 45 casais, sugere que existe uma correlação positiva entre o ciúme e a infidelidade.

Inventário de ciúme romântico (ICR). O Inventário de Ciúme Romântico foi construído e validado numa primeira versão por Carvalho, Bueno e Kebleris (2008). A medida na sua versão original apresentou um conjunto de seis fatores, a saber: ciúme romântico (F1), não-ciúme (F2), não agressão (F3), desconfiança (F4), investigação (F5) e insegurança (F6), os quais carregaram dois fatores de segunda ordem: Fator 1 - Ciúme e Fator 2 - Não-Ciúme. Os indicadores de confiabilidade alfa de Cronbach da medida, conforme os autores, foram consistentes, variando de 0,62 a 0,89. Conforme esperado na literatura, os fatores da escala associado a dimensões mais intensas de ciúme obtiveram correção positiva com o traço de personalidade Neuroticismo. Bueno e Carvalho (2012) realizam uma revisão do instrumento e encontram a mesma estrutura de seis dimensões, no entanto com indicadores de confiabilidade inferiores a versão anterior (0,55 a 0,91), recomendado o uso dos instrumento para avaliação global do ciúme em contextos de pesquisa.

Escala de atração intersexual e autoconceito (EAA). Consiste em uma escala psicométrica utilizada para medir simultaneamente a atração intersexual e o autoconceito. Na pesquisa inicial (Ramos, Santos, & Costa, 1994), com 312 casais do sudeste brasileiro, foram encontrados oito fatores, sendo quatro relativos ao autoconceito (estética, social, ideal e agradável) e quatro relativos à atração intersexual (afetivo, moral, feminino, assertivo). Cabe ressaltar que os autores utilizaram o critério de Kaiser (autovalores maiores do que 1), motivo pelo qual foi extraído um número elevado de fatores. Em uma revisão do estudo deste estudo, com 50 casais de João Pessoa (PB), foi replicada a estrutura fatorial do instrumento, sendo que a escala ainda apresentou adequados indicadores de precisão ($\alpha_{\text{atração}} = 0,79$, $\alpha_{\text{autoconceito}} = 0,83$) (Oliveira, Silva, Vasconcelos & Pessoa, 2003).

Inventário de habilidades sociais conjugais (IHSC). A presente medida foi inspirada no tradicional Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette 2001), oriundo da tese de Doutorado de Miriam Villa (2005), orientada por Zilda Del Prette. É o único instrumento de avaliação dos relacionamentos conjugais reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia, constando na lista do SATEPSI (CFP, 2014). A ferramenta de medida psicológica avalia a frequência de comportamentos que demonstrem habilidade social em situações conjugais (Villa & Del Prette, 2012). Possui 32 itens divididos em seis fatores (Comunicação e expressividade, asserção de autodefesa, expressão de intimidade, autocontrole empático, asserção proativa e evitação de conflitos), que explicaram 45,4% da variância total da escala. A pesquisa de sua validação foi feita em uma amostra de 406 pessoas, na maioria casais. O valor do alfa de Cronbach geral do instrumento foi de 0,81, indicando uma boa precisão, mesmo que os coeficientes alfas referentes a cada fator apresente limitações (entre 0,53 e 0,69)

(Villa, 2005). Este instrumento ainda possui evidências de estabilidade temporal após aproximadamente um mês, com correlações dos fatores nas duas aplicações variando entre 0,62 e 0,77 (Del Prette, Villa, Freitas, & Del Prette, 2008). De Andrade (2011) demonstra aplicações do inventário com uma estrutura bidimensional, relacionando o construto habilidades sociais conjugais com aspectos dos componentes do amor, qualidade em relacionamentos e estilos de amor.

Escala sexy seven Brasil. Baseada na psicologia evolucionista e na teoria léxica de descritores sexuais, Schmitt e Buss (2000) desenvolvem um modelo teórico que descreve sete dimensões de descrição de características sexuais: 1) atração sexual; 2) exclusividade de relacionamento; 3) orientação de gênero; 4) restrição sexual; 5) disposição erótica; 6) investimento emocional e; 7) orientação sexual. No Brasil, Natividade, Fernandes e Hutz (2011) desenvolvem uma medida para avaliação da características sexuais concernentes a sexualidade, relacionando o instrumento com dimensões preditivas do modelo teórico do *Big Five*. Os instrumento final obteve discriminação adequada dos sete fatores previstos na teoria dispostos num total de 28 itens, apresentando indicadores de confiabilidade alfa de Cronbach variando entre 0,61 a 0,92. As direções futuras da medida e suas consequências teóricas apontam relações de independência entre o modelo de personalidade comentado e os estilos sexuais.

Discussão

Apesar de ser um passo importante e viável, apenas um instrumento de mensuração de aspectos presentes nos relacionamentos românticos consta na lista de aprovados do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) (CFP, 2014), o IHS-C (Villa & Del Prette, 2012). Outras medidas desenvolvidas e validadas por diferentes pesquisadores, apesar de não obterem o parecer de aprovação do SATEPSI são ferramentas fundamentais de produção de conhecimento no campo em questão, dessa maneira, tratam-se de estudos que contribuem para a ciência psicológica.

Uma vez que já existem instrumentos no Brasil que demonstraram bons resultados do ponto de vista psicométrico, faz-se importante o investimento e a motivação na elaboração de instrumentos com características comerciais, com manuais claros de padronização e normatização para uso em contextos de relacionamento. Deve-se submeter um maior número de medidas ao CFP, como forma de gerar uma aplicação do conhecimento produzido por pesquisadores no campo prático da Avaliação e Intervenção Psicológica em fenômenos ligados aos relacionamentos interpessoais românticos. A inclusão de mais escalas seria importante para a Psicologia aplicada.

Mas, a utilização prática dos testes não se restringe à aprovação no SATEPSI (CFP, 2014), deve estar vinculada a pesquisas sólidas a respeito das propriedades psicométricas dos mesmos. Dada a relevância deste sentimento para as pessoas, esta área está pouco desenvolvida no Brasil. Por esse motivo, se justificam trabalhos que visem adaptar instrumentos de medida na área do amor, pois a construção de novos testes seria um processo mais caro, lento e com menores chances de sucesso. Adaptar escalas com boas propriedades psicométricas em estudos

estrangeiros é o caminho mais curto para ter-se testes sobre relacionamentos românticos prontos para o uso profissional. Contudo, a criatividade do brasileiro para desenvolver testes novos tem se feito presente ao longo dessa história e também é estratégica para a psicologia no país.

Muitos dos estudos realizados fizeram traduções diferentes das mesmas escalas, o que traz o problema de dificultar a convergência de diferentes estudos. Isso poderia ter sido evitado se os autores tivessem conhecimento do que seus colegas brasileiros vêm estudando. Pode-se observar que o tema da satisfação ou atitudes sobre o relacionamento foi um tema bastante recorrente das medidas psicológicas bem como o amor. Pode-se mencionar ainda que as medidas da área são basicamente psicométricas e com escalas do tipo Likert, não tendo sido encontrado nenhum teste projetivo. Espera-se que esta revisão sirva para situar os pesquisadores da área com relação às medidas existentes, evitando este tipo de problema. Espera-se também que este estudo contribua para instrumentalizar profissionais e pesquisadores da área na escolha alternativa para avaliar os diferentes fenômenos dos relacionamentos amorosos.

Pode-se concluir, a partir desta revisão, que os principais testes utilizados internacionalmente possuem ao menos um estudo com uma versão em português, por maiores que sejam as limitações desses estudos. Seis das escalas citadas nesse estudo também são citadas por Hatfield, Bensman et al. (2012). Ainda pode-se dizer que pesquisas relativas a esses testes são muito recentes. A área da investigação de instrumentos de medida dos relacionamentos amorosos ainda tende a crescer com a criação de grupos de pesquisa no Brasil voltados para este tema. Tendo em vista que esses laboratórios surgiram há pouco tempo e que a maioria dos estudos com escalas em língua portuguesa citados foram publicados recentemente, pode-se afirmar que estudar os relacionamentos e suas respectivas medidas no Brasil ainda é um movimento novo e liderado por jovens pesquisadores. Mesmo que a história da avaliação do amor e de conceitos relacionados em língua portuguesa seja mais breve que a história internacional, é perceptível que se trata de um movimento em franca expansão.

Referências

- Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 489-498. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400004
- Antoine, P., Christophe, V., & Nandrino, J. L. (2008). Dyadic Adjustment Scale: Clinical interest of a revision and validation of an abbreviated form. *Encephale - Revue de Psychiatrie Clinique Biologique et Therapeutique*, 34(1), 38-46. doi: 10.1016/j.encep.2006.12.005
- Barros, A. M. C. M., & Calvano, N. (2005). O teste de avaliação da tipologia do amor. *Anais do II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. Gramado – RS: IBAP.
- Berti, M. P., Zilberman, M. L., Sophia E. C., Gorenstein, C., Pereira, A. P., Lorena, A., ... Tavares, H. (2011). Validação de escalas para avaliação do amor patológico. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), 135-138. doi: 10.1590/S0101-60832011000400004
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bueno, J. M. H., & Carvalho, L. F. (2012). Um estudo de revisão do Inventário de Ciúme Romântico (ICR). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 435-444. doi: 10.1590/S0102-79722012000300003
- Calleja, N. (2011). *Inventário de escalas psicossociais em México (1984-2005)*. Ciudad Universitaria, México: UNAM. Recuperado de <http://www.psicologia.unam.mx/contenidoEstatico/archivo/files/Investigaci%C3%B3n/Nazira%20Calleja%20-Inventario%20de%20escalas%20psicossociales%20en%20M%C3%A9xico,%201984-2005.pdf>
- Carvalho, L. F., Bueno, J. M. H., & Kleberis, F. (2008). Estudo psicométrico preliminares do Inventário de Ciúme Romântico. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 335-346. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000300007&lng=pt&tlng=pt.
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da Relationship Assessment Scale. *Psico-USF*, 16(3), 255-264. doi: 10.1590/S1413-82712011000300002
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012). Estudo Nacional dos Atributos Psicométricos da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Paidéia*, 22(51), 21-31. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/46686/50443>
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2013). Amor: múltiplas perspectivas. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, F. K. Miguel, L. F. Carvalho & J. M. H. Bueno (Orgs.), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*. São Paulo: Vetor.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 20(3), 513-522. doi: 10.1590/S0102-79722007000300020
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2009). Versión reducida de la Escala Triangular del Amor: características de sentimiento en Brasil. *Revista Interamericana de Psicología*, 43(1), 30-38.
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In L. Pasquali (org.), *Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática* (pp. 506-520). Porto Alegre: Artmed.
- Cavalcanti, J. P. N. (2007). *Reações a cenários de infidelidade conjugal: São o amor e o ciúme explicações?* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Recuperado de http://vvgouveia.net/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es1/Cavalcanti_J._P._N._2007.pdf
- Chojnacki, J. T., & Walsh, W. B. (1990). Reliability and concurrent validity of the Sternberg Triangular Love Scale. *Psychological Reports*, 67(1), 219-224. doi: 10.1177/0265407593103013
- Conselho Federal de Psicologia (2014). *Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos* – Lista de testes com parecer favorável. Recuperado de <http://www2.pol.org.br/satepsi/sistema/admin.cfm>
- Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Custódio, C. E. G. (2002). *Análise da satisfação e equilíbrio amoroso em docentes universitários casados*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- De Andrade, A. L. (2011). *Relacionamentos românticos: modelos de qualidade e satisfação em relacionamentos de casal* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- De Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Atitudes e crenças sobre o amor: Versão brasileira da escala de estilos de amor. *Interpersona* 3(1), 89-102.
- De Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos – Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 634-643. doi: 10.1590/S0102-79722012000400002
- De Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de habilidades sociais: manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do

- Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P., Villa, M. B., Freitas, M. G., & Del Prette, A. (2008). Estabilidade temporal do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC). *Avaliação Psicológica*, 7(1), 67-74.
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: Adaptação de uma escala. *Psico*, 18(2), 90-112.
- Dela Coleta, M. F. (1992). Locus de controle e satisfação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(2), 243-252.
- Dinkel, A., & Balck, F. (2006). Psychometric analysis of the German Dyadic Adjustment Scale. *Zeitschrift für Psychologie*, 214(1), 1-9.
- Dufrayer, E., Calvano, N., Barros, A. M., & Takahashi, F. (2005). O amor em heterossexuais e homossexuais segundo as idades. *Resúmenes del 30º Congreso Interamericano de Psicología*. Buenos Aires: SIP.
- Feybesse, C., Neto, F., & Hatfield, E. (2011). Adaptação da escala de amor apaixonado na população portuguesa. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15(1), 161-180.
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the couples satisfaction index. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 572-583.
- Gouveia, V. V., Carvalho, E. A. B., Santos, F. A., & Almeida, M. R. (2013). Escala tetragonal do amor: Testando sua estrutura e invariância fatorial. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 33(1) 32-45. doi: 10.1590/S1414-98932013000100004
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: Evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(1), 31-39. doi: 10.1590/S1413-294X2009000100005
- Hatfield, E. (1988). The juvenile love scale: A child's version of the passionate love scale. In C. M. Davis, W. L. Yaber & S. L. Davis (Eds.), *Sexuality-related measures: A compendium*. Bloomington: Indiana University Press.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of Adolescence*, 9, 383-410. doi:10.1016/S0140-1971(86)80043-4
- Hatfield, E., Bensman, L., & Rapson, R. (2012). A brief history of social scientists' attempts to measure passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 29(2), 143-164. doi: 10.1177/0265407511431055
- Hatfield, E., Luckhurst, C., & Rapson, R. (2012). A brief history of attempts to measure sexual motives. *Interpersona*, 6(2), 138-154
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(1), 137-142.
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: Análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9, 15-25.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 593-601. doi: 10.1590/S1413-73722008000300021
- Hundertmark, J., Esterman, A. Ben-Tovim, D., Austin M. A., & Dougherty, M. (2007). The South Australian Couples Sildenafil Study: Double-blind, parallel-group randomized controlled study to examine the psychological and relationship consequences of sildenafil use in couples. *Journal of Sexual Medicine*, 4(4), 1126-1135. doi: http://dx.doi.org/10.1111/j.1743-6109.2007.00536.x
- Karwowski-Marques, A. P. M. (2008). *Percepções sobre o amor e satisfação com o relacionamento em casais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Lasswell, T. E., & Lasswell, M. E. (1976). I love you but I'm not in love with you. *Journal of marriage and family counseling*, 2(3), 211-224.
- Lee, J. A. (1973). *Colours of love: An exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lee, J. A. (1974). The styles of loving. *Psychology today*, 8(5), 43-51.
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion and commitment among married individuals: Further testing of the Triangular Theory of Love. *Psychological Reports*, 87, 941-948. doi:10.2466/PRO.87.7.941-94
- Lesch, E., & Engelbrecht, S. K. (2008). The reliability of the Dyadic Satisfaction (DS) subscale in a low-income semi-rural South African community. *Journal of Psychology in Africa*, 18(2), 245-248.
- Martins-Silva, P. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 33(1), 16-31. doi: 10.1590/S1414-98932013000100003
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45(1), 25-37. doi: 10.1111/1468-5884.00030
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., Jesus, J. R., Gusmão, E. É. S., Chaves, S. S. S., & Coelho, J. A. P. M. (2008). Estrutura fatorial da escala de atitudes frente a relacionamentos afetivos estáveis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(3), 331-339. doi: 10.1590/S0102-37722008000300009
- Mônego, B. G., & Teodoro, M. L. M. (2011). A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. *Psico-USF*, 16(1), 97-105. doi: 10.1590/S1413-82712011000100011
- Natividade, J. C., Fernandes, H. B. F., & Hutz, C. S. (2011). Construção e validação da escala de ciúme sexual e emocional. In VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa. Livro de Resumos.
- Neto, F. (1993). Love styles and self-representations. *Personality and Individual Differences*, 14, 795-803.
- Neto, F. (1994). Love styles among Portuguese students. *The Journal of Psychology*, 128, 613-616. doi: 10.1080/00223980.1994.9914919
- Neto, F. (1998). Atitudes em relação ao amor. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 263-279.
- Neto, F. (2002). Colors associated with styles of love. *Perceptual and Motor Skills*, 94, 1303-1310. doi: 10.2466/pms.2002.94.3c.1303
- Neto, F., Mullet, E., Deschamps, J. C., Barros, J., Benvindo, R., Camino, L., ... Machado, M. (2000). Cross-Cultural variations in attitudes toward love. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31, 626-635. doi: 10.1177/0022022100031005005
- Oliveira, S. F., Silva, J. R., Vasconcelos, T. C., & Pessoa, V. S. (2003). Validação da Escala de Atração Intersexual e Autoconceito para a população Paraibana. 1º Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica: Resumos (pp. 293). Campinas: IBAP.
- Overbeek, G., Ha, T., Scholte, R., De Kemp, R., & Engels, R. C. M. E. (2007). Brief report: intimacy, passion and commitment in romantic relationships – Validation of Triangular Love Scale for adolescents. *Journal of Adolescence*, 30, 523-528.
- Perlin, G. dal B. (2001). *Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade?* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília. doi: 10.1590/S0103-56652005000200002
- Perlin, G. dal B. (2006). *Casamentos contemporâneos: Um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Pick de Weiss, S., & Andrade Palos, P. (1988). Desarrollo y validación de la Escala de Satisfacción Marital. *Psiquiatría*, 1, 9-20.
- Ramos, A. L. M. (1998). *Ciúme romântico: Teoria, medida e variáveis correlacionadas*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Ramos, A. L. M., Santos, F. H. R., & Costa, M. (1994). Escala de Atração Intersexual e Autoconceito – EAA. *Psico*, 25, 101-114.
- Ramos, A. L. M., Yazawa, S. A. K., & Salazar, A. F. (1994). Desenvolvimento de uma Escala de Ciúme Romântico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(3), 439-451.
- Reis, B. F. (1992). O amor à luz da Psicologia científica. *Psicologia: Reflexão*

- & *Crítica*, 5(2), 23-40.
- Reis, B. F. (1995). Uma escala de atitudes frente a relações afetivas estáveis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 11(1), 67-71.
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of person description: Beyond or subsumed by the big five? *Journal of Research in Personality*, 34(2), 141-177. doi: 10.1006/jrpe.1999.2267
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psico-USF*, 15(2), 249-256. doi: 10.1590/S1413-82712010000200012
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: Correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 439-447. doi: 10.1590/S0102-79722011000300007
- Shek, D. T. L., & Cheung, C. K. (2008). Dimensionality of the Chinese Dyadic Adjustment Scale based on Confirmatory Factor Analyses. *Social Indicators Research*, 86(2), 201-212. doi: 10.1007/s11205-007-9108-4
- Shiramizu, V. K. M., & Lopes, F. A. (2013). A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. *Psicologia USP*, 24(1), 55-76. doi: 10.1590/S0103-65642013000100004
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28. doi: 10.2307/350547
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Psychology*, 27, 313-335. doi: 10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:33.3.CO;2-W
- Villa, M. B. (2005). *Habilidades sociais no casamento: Avaliação e contribuição para a satisfação conjugal* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-22012008-083741/>
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2012). *Inventário de Habilidades sociais Conjugais (IHSC-Villa & Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. (1ª ed.) São Paulo: Casapsi.
- Wachelke, J. F. R., & De Andrade, A. L. (2012). O universo das medidas psicológicas na avaliação de relacionamentos amoroso. In R. M. Cruz, J. F. R. Wachelke & A. L. De Andrade (orgs.), *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos* (pp. 1-14). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação do relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18.
- Wachelke, J. F. R., De Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12(2), 221-225. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v12n2/v12n2a10.pdf>
- Yela, C. (1996). Componentes básicos del amor: Algunas matizaciones al modelo de R. J. Sternberg. *Revista de Psicología Social*, 11, 185-201.

Vicente Cassepp-Borges, Doutor em Psicologia/Avaliação e Medidas Psicológica pela Universidade de Brasília – UnB, é professor da Universidade Fluminense – UFF – Campus Volta Redonda. Endereço para correspondência: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Av. Fernando Ferrari, nº 514, Campus Universitário de Goiabeiras/UFES – CEMUNI VI. CEP 29075-910 – Vitória/ES, Brasil. Telefone: (27) 4009-2501. E-mail: cassepp@gmail.com

Alexandro Luiz de Andrade, Doutor em Psicologia/Avaliação e Medidas Psicológica pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, é professor da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: alexsandro.deandrade@yahoo.com